



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUANA FEITOSA SANTOS

**A MULHER PEDAGÓGICA:
ENSAIO SOBRE A VISIBILIDADE DA SEXUALIDADE DOCENTE**

**ITABAIANA
2025**

LUANA FEITOSA SANTOS

**A MULHER PEDAGÓGICA:
ENSAIO SOBRE A VISIBILIDADE DA SEXUALIDADE DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA
2025

LUANA FEITOSA SANTOS

:

**A MULHER PEDAGÓGICA:
ENSAIO SOBRE A VISIBILIDADE DA SEXUALIDADE DOCENTE**

Aprovada em: 01 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra Fernanda Amorim Accorsi (Presidenta)
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Elisson Lima
Secretaria de Estado da Educação de Alagoas

Prof^ª. Dra. Katia Cristina Norões
Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA
2025

Dedico a mim, que sou a ordem e o caos, a morte e a vida, o
sofrimento e a alegria, a senhora dos **dez** mil nomes, e
esta dentro e fora de mim, assim como
é e esta presente em tudo.
(KOTA, LUANA, NÃANA, LUA, LU, LULINHA, LUPITA, **LULUZINHA**,
LULU E MARLEY)

AGRADECIMENTOS

Era uma vez uma teia ideada por muitas mãos...

Primeiramente agradeço a *Deus*, por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final, por não deixar que eu me afundasse nos sentimentos mais fracos do ser humano que é a sensação de insuficiência. Quando me senti incapaz e o barco balançou eu queria pular no mar, abandonar tudo aquilo que eu vinha conquistando e inclusive na reta final, e então vi o seu vislumbre e que proferiu: “SEJA FORTE E CORAJOSA...” e eu fui, *O Leão Da Tribo De Judá, O Rei*, sem mesmo merecer ele me honrou.

Ao meu pai, *JOSÉ FEITOSA DE MELO*, que em meio a tantas turbulências nunca me negou o estudo, tudo começou com aquela mochila escolar azul que continha a estampa da Emília do Sítio Do Picapáu amarelo, meu primeiro material didático, seria meu primeiro contato com a escola. Vi em seus olhos o quanto estava orgulhoso de si por estar me dando o que o senhor nunca teve, a oportunidade de me criar, me ensinar e me soltar no mundo, para que eu viesse a dar frutos e dignificasse a minha vida e assim consequentemente a de todos aqueles verdadeiros que me cercam. Tenho somente um pequeno esboço desse dia em minha memória, e não sei como consigo lembrar pois eu era só era uma criança barriguda, mas já que lembro, desejo nunca poder esquecer. Obrigada, DEUS novamente, por ele ser o meu pai.

A minha mãe *MARIA JOELMA SANTOS*, ou até aonde a precede “Dona Jójó”. Doce e amarga, bruta e calma. Mãe de cinco filhos, avó de oito netos, negra muleta e grandemente abençoada. Me ensinou a ser forte e não perder as esperanças facilmente, quantas vezes pensei em desistir antes mesmo de tentar? quantas vezes pensei que nunca seria aluna da Universidade Federal De Sergipe? E a senhora, com sua passividade fez renascer minhas forças. Mãe? Seu trabalho foi tão bom que já tem duas filhas formadas, a outra está no caminho, totalizando três! Sou eu quem tem orgulho do seu ser. Obrigada, por sem minha mãe.

Gratidão a minha irmã *Jamires Oliveira Santos*, que me ajudou durante o curso, como sendo a primeira formanda da família. Busquei na sua gentileza os conhecimentos possíveis de me serem agregados, na sua fraternidade a empatia para ser ajudada. Sempre organizada com seus textos e de uma memória surpreendente, me alinhou a faculdade o que me ocorreu de sempre a ter como minha carta na manga. E joguei pra valer, socorro.

Também agradeço a minha irmã, Graziela, que sempre estava ali sussurrando no meu ouvido para eu não desistir, me ajudou desde quando ela começou sua jornada acadêmica até meu fim temporário da minha para o início de um novo ciclo. E sua jornada está sendo brilhante, surpreendeu, BÓBINHA...

Agradeço a minha orientadora *Fernanda Amorim Accorsi*, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, pois desde o primeiro momento senti que “eu seria sua”, que não era uma professora comum, sua mente é esquiva e rápida. Talvez o termo “inteligente” ainda seja um dos menores. Um ser elegante, problematizadora diante de diferentes temas e situações, afrodisíaca e o melhor de tudo um ser HUMANO(A). Quando eu crescer quero ser como você.

Também agradeço a meu amigo *Daniel dos anjos*, que sempre me ajudou com sua vasta experiência desde o início deste projeto de pesquisa/vida acadêmica e pessoal. Sentirei muitas saudades das nossas conversas pelo campo universitário, das vivências compartilhadas, e dos ensinamentos prestados. Daquelas gargalhadas gostosas e únicas de serem saboreadas, das sumidas nos corredores para falar sobre a pressão pessoal quanto para baforar a pressão social.

A todos/as os meus professores/as do curso de Pedagogia da Universidade Federal De Sergipe, pela excelência da qualidade técnica de cada um. Por serem tão comprometidos com nós alunados quanto com suas aulas.

A nós mulheres, professoras, humanas. Cheias de prazeres e anseios. De selvageria e pensamentos. Donas do lugar e de si próprias.

A todos/as que criticaram minha formação porque também me incentivaram, gracias!

“Pergunta-se: Como tudo isso começou? É fácil verificar que a dualidade de sexos, gera conflito. Sem dúvida, o vencedor assumirá o status de absoluto. Mas por que o homem teria vencido desde o início? É possível que as mulheres pudessem ter obtido a vitória ou que o resultado do conflito nunca pudesse ter sido resolvido. Então, como é que o mundo sempre pertenceu aos homens e que essa situação só recentemente começou a mudar? Será essa mudança boa? Ocasionará uma divisão do mundo em partes iguais, tanto para os homens quanto para as mulheres?”

Simone de Beauvoir (1997)

RESUMO

Esta pesquisa foi produzida em formato de ensaio, em que as percepções e histórias da pesquisadora se fundem com as teorias de gênero. O problema de pesquisa foi: Como a presença das professoras bissexuais na educação pode contribuir para (re)pensar o papel da mulher na sociedade? Para respondê-lo, foi criado o seguinte objetivo geral: problematizar o impacto da presença de professoras bissexuais na educação como forma de refletir sobre uma educação não heteronormativa. Metodologicamente, o estudo foi delineado de modo bibliográfico e resultou na reflexão que a sexualidade docente pode operar como pedagogia na escola, bem como verificou que o corpo da docente é político e pedagógico porque pela sua existência os pressupostos do patriarcado e do capitalismo podem ser questionados. As professoras bissexuais na educação podem asseverar a não heteronormatividade, contribuindo para um ensino mais inclusivo e crítico.

Palavras-chave: Educação; Professoras bissexuais; gênero; sexualidade; heteronormatividade

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

This research was produced in an essay format, in which the researcher's perceptions and stories merge with gender theories. The research problem was: How can the presence of bisexual teachers in education contribute to (re)thinking the role of women in society? To answer it, the following general objective was created: to problematize the impact of the presence of bisexual teachers in education as a way of reflecting on a non-heteronormative education. Methodologically, the study was outlined in a bibliographic way and resulted in the reflection that teacher sexuality can operate as pedagogy in the school, as well as verified that the teaching staff is political and pedagogical because by its existence the assumptions of patriarchy and capitalism can be questioned. Bisexual teachers in education can assert non-heteronormativity, contributing to a more inclusive and critical teaching.

keywords: Educacion; Bisexual teachers; Gender; Sexuality; Heteronormativity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQI	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais.
AP+	
Fil.	Filosofia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFS	Universidade Federal De Sergipe
PEPECA	Grupo de Pesquisa e Estudos em Práticas Educativas, corpo e Ambiente
TCC	Trabalho de conclusão de curso
ONU	Organização Das Nações Unidas
MST	Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
BI	Bissexual

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	14
2- METODOLOGIAS FLUIDAS	18
3 – EU MULHER BISSEXUAL, DE PELE PARDA, CLASSE MÉDIA, ESTUDANTE DE ESCOLA PÚBLICA	20
4- A PROFESSORA VISIVÉL NAS CORES DO ARCO IRIS	26
5- APONTAMENTOS FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1- INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso (TCC) foi redigido na graduação de Pedagogia do Campus professor Alberto Carvalho da Universidade de Sergipe (UFS), e produzido junto do Grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (Pepeca). O TCC foi escrito conforme o gênero textual ensaio, que se define por

É uma situação discursiva do discurso científico secundário e pode ser diferenciado em teórico e avaliativo. O ensaio científico avaliativo, objeto dessas considerações, é produzido pelo confronto de experiências conhecidas pelo ensaísta, sendo estas comparadas, apreciadas, julgadas e transmitidas à comunidade científica a fim de que esta mude de opinião e aceite o ponto de vista do escritor cientista; este ensaio é formal e marcado pela personalidade de seu escritor. (Silveira, 1991, p.2)

É um ensaio, portanto, porque mescla minhas vivências e percepções com as teorias do campo dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero. Neste TCC, discutirei a sexualidade das professoras, que têm sido **invisibilizada**. O foco principal está na sexualidade das mulheres bissexuais docentes. O trabalho defende a liberdade de ser quem você quiser ser com base de experiências vividas como fonte de informação e coleta de dados, conhecida por mim e entrelaçando o mundo social e acadêmico. Vez ou outra, o ensaio se mistura com a escrita científica e o método autobiografado a partir do tema **“A sexualidade (in)visível da professora”** o qual discorrerei nas próximas linhas.

As instituições educacionais têm um papel muito importante na vida das pessoas, na transformação da sociedade e na evolução constante das mentalidades. Como nos ensinou Silva, Pimentel e Dias (2015), a educação constrói identidades, orientando caminhos a seguir, percepções a ter, modos de ser, estar e ver o mundo. Contudo, no ano de 2025, no século XXI, há, ainda, desafios para abordar questões de gênero na formação inicial dos/as estudantes, que se afastem de estereótipos rígidos sobre como o homem e a mulher **e as outras pessoas** devem agir e quais papéis devem cumprir. Percebemos que há regalias para o masculino, como vantagens financeiras, culturais, políticas e sociais, bem como um destaque constante de figuras masculinas, que não possuem interesse em mudar o estado das coisas.

Apesar de alguns avanços, como a criminalização da homofobia, o direito à utilização do nome social, os estudos da ginecologia, a ocupação das mulheres dos lugares poder, ainda

há lacunas notáveis na representação de mulheres, sobretudo as negras e indígenas, as lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexo, assexual, pansexual, não-binário (LGBTQIAPN+) nos materiais educacionais como os livros, nas novelas, nos parlamentos, nas salas de aula, nos seriados (Vianna; Carvalho, 2020).

Ainda que a Constituição Federal do Brasil institua, no artigo 250, que a educação é um direito de todos e deve focar no pleno desenvolvimento do sujeito, o ambiente escolar insiste em reforçar as normas da heteronormatividade, designando indivíduos aos papéis sociais pré-determinados pelo machismo, distanciando-se de educação crítica que desafie, questione e atravesse os preconceitos (Louro, 2000).

Para aqueles/as que não se conformam com as normas sociais, a experiência escolar pode se tornar um processo doloroso, traumático, desestimulante porque a educação é vista pela/com a dor. Com frequência, a escola, mas não somente ela, negligencia a diversidade sexual, resultando em um déficit de conhecimento nessa área (Louro, 2000). A homofobia se manifesta na escola por meio de elementos como os livros didáticos, brincadeiras, apelidos, pelo currículo que privilegia a heterossexualidade e as relações pedagógicas que reforçam as normas heterossexistas (Junqueira, 2010).

Porém, o processo não é apenas doloroso para os alunos e as alunas, afinal professores e professoras não estão isentos da sexualidade e são coibidas a escondê-la, caso seja considerada desviante, porque há mecanismos que discriminam e violentam aquelas e aqueles que resolvem experiê-la. A sexualidade docente não é bem-vinda na sala de aula, não tem sido estimulada a ser revelada no processo pedagógico, como se fosse possível escondê-la, deixá-la em casa ao ir ao trabalho e/ou anulá-la quando a homofobia prevalecer. Por este motivo, em coerência com as sexualidades desviantes, que a temática deste trabalho foi escolhida. Eu me importo em evidenciar a importância das orientações sexuais bissexuais das professoras para visibilizar um mundo multicultural para os alunos, alunas e alunes.

Conheci o tema a partir das aulas da Educação, relações de gênero e sexualidade, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), foi por meio dos debates, embasamentos teóricos, projetos e várias discussões acerca do assunto que iniciei as reflexões apresentadas aqui. Duas descobertas epistemológicas e reflexivas me fizeram escrever sobre o tema: I) Ter a consciência de que há uma matriz heterossexual apresentada como compulsória; II) Professoras, assim como as demais pessoas, possuem sexualidade. Deste modo, associei à minha vida enquanto estudante bissexual, cheia de angústias e receios, realidade vivida não só por mim ao longo da minha história, mas por todas pessoas que dividem comigo a possibilidade de desviar da heteronormatividade, defendida nas escolas, nas

famílias, nas mídias de uma sociedade que “[a]s ocorrências de homofobia ou transfobia subiram para 488, o que representa um aumento de 54% se comparado a 2021” (IBDFAM, 2024, s/p).

Na busca incessante por embasamentos teóricos pude observar, nas leituras sobre as mulheres, que frequentemente foram relegadas a papéis secundários, resultando em uma invisibilidade social, sexual e muita visibilidade heterossexual ligadas ao fator masculino. É como se as mulheres estivessem, constantemente, nas sombras do masculino, inclusive quando o assunto é sexualidade. Muito mais escassos são os trabalhos que buscam observar as especificidades dentro do grupo mais amplo “mulheres professoras” com foco específico na articulação entre gênero, sexualidade e heteronormatividade e suas manifestações nas práticas e na formação docente. (Vianna; Carvalho, 2020)

Deste modo, foi necessário engajar-me com essa disciplina para examinar minha própria realidade, assunto das próximas seções, e aprofundar esses conhecimentos, partindo da compreensão de que é crucial reconhecer a importância da inclusão da sexualidade da professora no debate no âmbito da pedagogia, para humanizar essas mulheres que, assim como eu, vivenciam a sexualidade e a pedagogia, ainda que sejam colocadas no espaço marginal sendo **invisibilizadas**, sendo tratadas como máquinas, objetos assexuados.

A pedagogia não é uma exclusividade da escola, nós seres humanos somos pedagógicas/os, as mídias também, tal como a família, os templos espirituais, os cotidianos, por isso entendo que desvelar a identidade docente da professora bissexual é propiciar que outras pedagogias circulem sobre a profissão e especificamente positivos, dependendo da qual ótica você (leitor/a) decidirá a continuar olhando, pois, com base em suas experiências pessoais e profissionais, algumas professoras acreditam que é possível e educacionalmente construtivo não esconder suas identidades não heteronormativo em sala de aula (Vianna; Carvalho, 2020).

Desse modo, o seguinte problema de pesquisa foi produzido: **Como a presença das professoras bissexuais na educação pode contribuir para (re)pensar o papel da mulher na sociedade?** Entendo que, ao reconhecer e examinar a sexualidade das mulheres, podemos desafiar estereótipos, entender melhor as dinâmicas de poder e promover a equidade de gênero. Nessa lógica, o **objetivo geral** desta monografia é problematizar o impacto da presença de professoras bissexuais na educação como forma de refletir sobre uma educação não heteronormativa. Por essa razão foi inescusável traçar os seguintes **objetivos específicos**: Realizar uma pesquisa bibliográfica sobre identidades não heteronormativas na educação; Discutir a sexualidade feminina para (re)pensar os padrões impostos pelo

patriarcado às mulheres; Utilizar a sexualidade feminina para (re)pensar uma educação não heteronormativa.

Entendo orientação sexual como Cardoso (2008) que associa à inclinação pelo desejo sexual em relação a pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou ambos. É uma inclinação afetiva ao outro/a. Vejo, ainda, que

[o] gênero possui atributos performativos, a prática do dia a dia e o reconhecimento dos papéis que o ser humano desenvolve em sociedade, ou seja, fazemos gênero todos os dias, onde seu papel inclui tudo o que uma pessoa diz ou faz para se revelar a si própria como possuidora de condição de moça/rapaz; homem/mulher, inclui a sexualidade, todavia, não se restringe a ela, pois esta é tida como sensações corpóreas e subjetivas emocionais da pessoa (Souza, 2018, p. 3).

Em outras palavras, a orientação sexual é socialmente construída, de modo comportamental e cultural associada a papéis e expectativas atribuídos a homens e **mulheres e as outras pessoas também** e em uma determinada sociedade.

A sexualidade é tida como sensações corpóreas e subjetivas emocionais, onde sua primeira abordagem inicia-se entre os cinco e seis anos e dar-se-á dentro do espaço privado, ou seja, em casa, quando as diferenças são interiorizadas, levando a organização dos papéis sexuais e demonstrando o lado que a sua sexualidade é orientada, ou seja, homossexual, heterossexual ou bissexual (Souza, 2018, p. 5).

Assim, esses três conceitos, orientação sexual, sexualidade e gênero interagem para formar a identidade de uma pessoa. A justificativa para a presente pesquisa é fundamentada na necessidade de compreender a sexualidade **(in)visibilizada** da professora, uma vez que ao reconhecer-se bissexual ou lésbica, ela pode desafiar preconceitos arraigados e apresentar implicações significativas no contexto social e acadêmico. Este estudo visa contribuir para o entendimento mais amplo do tema e fornecer reflexões que possam impactar positivamente no campo educacional ao evidenciar a identidade docente.

Por outro lado, **essa invisibilização** da sexualidade da professora reflete normas culturais que perpetuam estigmas e tabus em torno da diversidade sexual. Ao questionar e desafiar essa **invisibilização**, pretendo contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária, na qual a aceitação da diversidade sexual é valorizada. Reconhecer a sexualidade das professoras socialmente não apenas desafia estereótipos, mas também pode humanizá-la como sujeita de direitos.

2- METODOLOGIAS FLUIDAS

Esse trabalho é uma pesquisa de natureza explicativa, porque o foco principal é identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse tipo de estudo pode aprofundar significativamente o entendimento da realidade, pois busca explicar a razão e o porquê por trás das coisas (Gil, 2002). A sexualidade da mulher é um tabu, quando não são heterossexuais, o tabu, se é que é possível, fica mais evidente. Nós mulheres, por décadas, fomos tratadas como bonecas sem emoções e puro enfeite, vejo que o machismo assola as nossas vidas desde sempre (Louro, 2000).

Do mesmo modo, é uma investigação de natureza qualitativa, em vez de empregar instrumentos e procedimentos padronizados, a pesquisa qualitativa adapta-se a cada problema como objeto de estudo, demandando instrumentos e procedimentos específicos para abordá-lo (Gunther, 2006). Para problematizar e compreender as nuances, contextos e significados.

Ainda assim, uma pesquisa bibliográfica foi realizada, “baseada em materiais já existentes, principalmente livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Meu papel como pesquisadora foi associar as teorizações e refletir sobre elas para responder o problema de pesquisa. O estudo examinou conceitos de mídia e pedagogias culturais analisados por Wagner e Sommer (2007), destacando que, na cultura popular, além de submissão, há também resistência (Escosteguy, 2001), especialmente na forma como a mulher professora é percebida: visível, mas raramente observada atentamente.

Um exemplo de como a mídia pode moldar a identidade docente é a tese de Accorsi (2018), em que ela verifica que os jornais tendem a visibilizar as professoras como sofredoras, o que pode contribuir para a construção subjetiva coletiva da imagem delas na sociedade. Adicionalmente, percebe-se que os jornais têm o potencial de impactar na formação de imagens relacionadas à figura da professora, estabelecendo uma associação com o tema da violência.

Ainda que, neste trabalho, eu não analise mídias, entendo que as pesquisas anteriormente citadas contribuem para a reflexão sobre a imagem das professoras que circula socialmente. Como complemento nessa jornada bibliográfica, investiguei como as percepções, expectativas e papéis de gênero são construídos e como elas influenciam, o Estudos de gênero, e a base também utilizada foi o acervo do Scielo sobre o tema.

Diante do exposto, o trabalho está organizado em três seções. A primeira com o título “Eu mulher, bissexual, de pele parda, classe média, estudante de escola pública” a qual abordo a perspectiva da mulher em diversas esferas e me incluo pessoalmente. A segunda

seção com o título “Professora visível nas cores do arco-íris”, a qual discuto a mulher professora, a mulher homossexual, heterossexual, a sua evidência na sociedade heteronormativa feminina e no patriarcado e, ainda, as reflexões teórico-práticas sobre a presença das professoras bissexuais nas salas de aulas. Por último, fecho o trabalho com as considerações finais, onde respondo o problema de pesquisa e são demonstradas as execuções dos objetivos do trabalho.

Ressalto mais uma vez que o texto flerta com a natureza ensaísta por qual Silveira (1991, p. 3) explica:

o ensaio científico oferece alguns pontos de contato com a tese e a monografia, porém, diferencia-se delas pela maneira eminentemente pessoal como o tema é tratado, ou seja, pelo caráter crítico do escrito. Neste sentido, o ensaio científico poderia ser diferenciado em informativo e opinativo (Silveira, 1991, P. 3).

Desse modo, um trabalho bibliográfico se desenvolve durante seu processo de construção, em que os achados de pesquisa são os diálogos e as contradições entre os/as/es autores/as. Sem a pretensão de esgotar o assunto, a pesquisa pode servir de base para que outras professoras reflitam sobre si mesmas, bem como dar visibilidade às mulheres docentes que, além de docentes, antes de serem professoras, são mulheres.

3 – EU MULHER BISSEXUAL, DE PELE PARDA, CLASSE MÉDIA, ESTUDANTE DE ESCOLA PÚBLICA

Falo dela/e ou de mim? Falo de todas/os nós. Coincidência ou não, comecei escrevendo esse tópico no dia oito de março, em uma sexta-feira, de 2024, o qual foi celebrado O Dia Internacional da Mulher, que apesar dos feitos para que esse dia fosse comemorado, é uma pena pensar que, atualmente, parte da juventude do século XXI não faz a mínima noção do porquê existe esse dia, uma lástima sobretudo para/com as mulheres.

Há quem pense que esse dia (oito de março) trata-se apenas sobre a luta por direitos iguais no trabalho, ainda que suas origens estejam fortemente ligadas ao tema, não é exclusivamente sobre isso, pois foi em 1827, no dia oito de março, 129 mulheres foram queimadas vivas em Nova York, enquanto buscavam melhores condições de trabalho. Marco que se tornou um símbolo importante na luta das mulheres e passou a ser lembrado e celebrado em diversos países a partir de 1920. Contudo, foi apenas em 1975, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o Ano Internacional da Mulher, que o dia 8 de março foi oficialmente reconhecido mundialmente como um marco na defesa dos direitos igualitários. (Woitowicz, 2006)

O referido dia abrange uma gama mais ampla de questões, que diferente do que pensam os contrários ao movimento, não é sobre retirar o homem da sociedade, só acabar com a hegemonia masculina e heterossexual, pois o feminismo luta contra violência de gênero, acesso à educação, saúde, representação política e outros direitos humanos.

E essa a trajetória também perpassa:

Rupturas políticas, revoluções, guerras, lutas nacionais, além de aspectos científicos e filosóficos. As mulheres conquistam com muito esforço a escrita e as artes plásticas, mas a arquitetura, a música e o campo dos saberes permanecem distantes do seu universo. Essas divisões, enquanto não rompidas, atribuíam à mulher a sua condição de inferioridade (Woitowicz, 2004, p. 4 - 5).

Contudo é importante conectar essas conjecturas com as vivências de muitas ativistas, militantes e organizadoras envolvidas globalmente nas lutas pela vida das mulheres, desde guerrilheiras latino-americanas até mulheres vietnamitas, de trabalhadoras de fábricas a plantadoras de arroz na Índia, e das Mães dos desaparecidos argentinos às defensoras da reforma agrária do MST (Giannott, 2004).

Ainda assim, o controle sobre a sexualidade e a capacidade reprodutiva das mulheres foi, e ainda é, uma evidente fonte de opressão feminina (Woitowicz, 2006) usada para

subjugar e limitar a liberdade delas. Muitos homens cis-heteronormativos e até algumas mulheres acham que o feminismo existe para que algumas de nós fossem vistas como ameaça a posições ou privilégios tradicionais.

O feminismo qual defendo e vislumbro neste trabalho tem uma orientação voltada também para:

Como objetivo atacar as raízes capitalistas da barbárie metastática. Recusando-se a sacrificar o bem-estar da maioria a fim de proteger a liberdade da minoria, ele luta pelas necessidades e pelos direitos da maioria –das mulheres pobres e da classe trabalhadora, das mulheres racionalizadas e das migrantes, das mulheres queer, das trans e das mulheres com deficiência, das mulheres encorajadas a enxergar si mesmas como integrantes da ‘classe média’ enquanto o capital as explora (Arruz; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 43-44).

Sobre como possa ser a ascensão da mulher como indivíduo, da libertação da minoria ao invés da promoção da maioria, quebrar o telhado de vidro onde a heteronormatividade se esconde, de como cada uma de nós podemos ser pedagógicas, fortes e talentosas apenas por existir com as nossas particularidades, a frase da epígrafe no início do trabalho da obra de Simone Beauvoir (1970), não tenho o intuito de responder, pelo contrário, apenas continuar problematizando a dualidade de sexo “onde tudo começou?” Essa duplicidade de sexo é como combinação complexa de fatores biológicos e culturais que aumentaram ao longo de milhões de anos de história evolutiva e milhares de anos de desenvolvimento cultural humano. E só sabemos que ela ainda existe/persiste.

Aprendendo e concordando com Giannotti (2004) no ponto em que nós mulheres heterossexuais e/ou homossexuais estamos numa luta, uma extensa batalha sem medo da alegria e do prazer. Lutas por uma revolução social, sexual e cultural profunda. Sem temor de levantar bandeiras pela libertação da humanidade, buscando a emancipação de homens e mulheres. Fazendo-se entender que o feminismo não se trata de sermos maiores que o próximo, mas também de não sermos menores.

Pois bem, é notório como o corpo da pessoa/mulher tem memórias. É essencial estar consciente de si mesma para explorar e compreender suas capacidades, aprender com sua narrativa e história de vida, assim como para estar ciente do próprio corpo. Ao narrarmos nossas experiências, o corpo desempenha um papel crucial nessa história, mas muitas vezes não temos plena consciência do seu papel ao longo de nossa jornada. (Medina; Venera, 2023)

Voltando um pouco no tempo, há 10 anos, com os saberes que tenho hoje, com a minha narrativa e os Estudos Culturais de Loguercio e Pino (2003) que questionam a cultura "erudita" ao valorizar uma cultura criada fora dos espaços tradicionais autorizados, onde os

valores e práticas sociais não se conformam com o que atualmente se considera como normalidade, percebo que, de fato, sempre existiu a negação da diferença.

A minha infância e as minhas apreensões que me rodearam até a vida adulta, com a certeza que muitas mulheres em algum momento também passaram, e como só agora percebo como as crianças são incentivadas a comportarem-se de acordo com papéis de gênero tradicionais. Desde os meninos que podem ser encorajados a serem assertivos e fortes, enquanto meninas podem ser incentivadas a serem cuidadosas e emotivas (Louro, 2000).

Como também relata Cabral e Diaz (1998), os papéis de homens e mulheres são moldados pela cultura e evoluem com o tempo e a sociedade, **assim como das demais identidades LGBTQIAP+**. Essa formação começa já na gravidez, quando a família, baseada em suas expectativas, começa a preparar o enxoval do bebê, geralmente optando por rosa para meninas e azul para meninos.

E, eu, como muitas, uma menina de cabelo espichado e sem regras, era vista como bruta, e acabava por não entender o apelido “Maria Homem”, o porquê eu causava tanto incomodo neles, já que na minha mente de criança, eu não queria ser do gênero masculino, apenas queria dar cambalhotas, pois me sentia uma ginasta famosa e um dia eu poderia chegar nas olimpíadas e viajaria o mundo. Eu queria jogar bola ainda que eu achava/acho impressionante as embaixadinhas e o raciocínio rápido com os pés na hora dos dribles.

A capoeira já que juntou a dança com as pernas com o encanto que só a capoeira pode proporcionar sendo também uma cultura popular o jogo dos saberes de roda me deixavam/deixam meus olhos derretidos. Minha mãe não deixou que eu frequentasse as aulas por muito tempo, pois, dizia ser “coisas de homem”, porém eu também gostava de brincar de bonecas e fazê-las das Três Espiãs Demais, patins, carrinhos e essas relações são instituídas “social e culturalmente de tal forma que se processa cotidianamente de maneira quase imperceptível e com isso é disseminada deliberadamente, ou não, por certas instituições sociais como escola, família, sistema de saúde, igreja, etc.” (Cabral; Diaz, 1998, p.3)

Calligaris e Maria (2019) discorrem sobre as categorias que utilizamos para pensar e nos organizar socialmente e que são construções culturais, assim como o apelido. Termos como masculino/feminino, razão/emoção, pobres/ricos, mulher/homem nenhuma dessas divisões é "natural". E como poderia ser? Se Maria e Calligaris (2019) seguem afirmando que no fundo, todos sabem que os corpos diferem visivelmente características sexuais aparentes como pênis e vulva, e microscopicamente cromossomos XX ou XY ou XXO e hormônios (testosterona e estrogênio). Essas diferenças físicas são variadas e imperfeitas, com muitas variantes. Existem homens e mulheres com características externas e internas do sexo oposto,

com balanços hormonais mais próximos do sexo oposto, e, até com cromossomos do sexo oposto.

Esses fatores demonstram que o desenvolvimento sexual humano é multifacetado e não pode ser reduzido a uma simples dicotomia. Cada indivíduo pode apresentar uma combinação única de características biológicas e de identidade de gênero que desafiam as classificações tradicionais, se nós observamos cada dedo da nossa mão é diferente um do outro, a metade do nosso corpo tem uma desigualdade com o outro lado, atente-se as suas sobrancelhas.

Entendendo e articulando às teorias:

Estamos sempre significando em relação a alguma coisa, o significado, tão necessário ao homem não se faz no vazio. O ser homem ou ser mulher se constitui através de redes discursivas oriundas da cultura sobre gênero, biologia, corpo. Da mesma forma, o ser professor/a se institui nos discursos acadêmicos, sociais, escolares, históricos. O ser 'o que quer que seja' se constitui na cultura. (Loguercio; Pino, 2003, p. 19)

Observando o cenário, somos construídos pela cultura ao nosso redor. Os desafios culturais se tornam mais intensos quando nos deparamos com situações que atingem nossa vulnerabilidade de forma muito pessoal e próxima. Nesse aspecto, senti na pele esses desafios desde a infância quando ainda nem sonhava entender das relações de gênero e sexualidade, senti ao me descobrir uma mulher bissexual (BI). O preconceito contra a bissexualidade também atravessa as pessoas intersexuais, as quais eram pejorativamente chamadas de hermafroditas, pois tinham tanto características femininas quanto masculinas em seus corpos. (Lewis, 2012).

Lewis (2012) fala também que mais tarde, no final do século XIX e no século XX, o termo "bissexual" foi usado no campo da psicanálise para descrever pessoas que se acreditava terem uma mistura de características masculinas e femininas em sua psicologia, em vez de em sua anatomia. Bem como, a palavra 'bissexual' tem sido usada para indicar um desejo sexual que 'combina' ou 'une' a heterossexualidade e a homossexualidade. ” (Lewis, 2012, p. 26). Entendo que as conceituações vão se modificando, com o passar do tempo e os sujeitos precisam se enquadrar, o que nem sempre acontece, por isso é importante questionar as normas, os padrões, as classificações e conceituações.

Considerada por muitos como uma fase, e ainda menos visível ou compreendida do que outras orientações sexuais, a bissexualidade costuma não ser reconhecida como sexualidade completa. As pessoas que têm essa particularidade, constantemente, houve a

pergunta “você gosta mais de mulher ou de homem?” “Você só está em cima do muro.” Eu já ouvi e ouço ainda. Não, não estamos confusos/as e muito menos escolhemos eventualmente sermos heterossexuais ou homossexuais. Nenhuma sexualidade é uma escolha, são inclinações que mesclam desejo e cultura.

Outrossim, ao longo da história, a representação negativa e humilhante das mulheres bissexuais, homossexuais e heterossexuais no imaginário coletivo deixou marcas profundas no reconhecimento da identidade feminina.

Além disso, no caso da bissexualidade, a mídia e a pornografia tradicional parecem estar bastante envolvidas na produção imaginária de uma bissexualidade ‘promíscua’ e ameaçadora. Desde o século XVIII até os dias de hoje, a bissexualidade, em especial a feminina, tem sido objetificada e fetichizada pela pornografia escrita, desenhada, fotografada e filmada. Uma imagem da mulher bissexual hipersexualizada e disposta a realizar as diversas fantasias do espectador homem cisgênero heterossexual, em especial a fantasia do ménage à três (prática sexual entre três pessoas), tem sido produzida à exaustão (Jaeger; Longhini; Oliveira; Toneli, 2019, p.11).

É daí a origem de outras perguntas ou insinuações do tipo “se ficasse comigo você nunca mais gostaria de mulher” “eu aceitaria você com outra mulher e só eu de homem” mostrando uma ideia de masculinidade associada a dominação. A rejeição à diferença molda as referidas falas machistas, que machucam na mesma medida que se tornam implacáveis na construção da identidade para evitar o sofrimento.

No ensino médio, tive o medo de ser rejeitada pelas amigas que me cercavam, ao contar à minha família sobre a bissexualidade também tive medo, pois tinha pavor de ser ignorada, ocorreram angústias ao ingressar na faculdade. Mas o momento que mais me vi reflexiva foram nos estágios obrigatórios, pois ali foi um ensaio preparatório para com os alunos e as alunas, a sociedade e em foco para mim mesma. Ao momento que me fazia perguntas de como eu agiria ao ter que boquejar sobre a minha vida? Sobre qual tipo de professora eu viria a ser? Quais contribuições eu poderia fornecer? Quais marcas meu corpo traz? Para administrar uma sala de aula com diferentes corpos, mentes e talvez ainda a descoberta de suas respectivas sexualidades.

É importante pensar que diversas correntes têm desenvolvido teorias e categorizações que nos permitem refletir sobre as relações de igualdade, desigualdade e diferença (Bortolini, 2011) e fugir sobre as questões de gênero e sexualidade nas escolas não exclui outros contrastes como as desigualdades sociais, diferenças culturas e etnias. Portanto, os Estudos Culturais me fizeram refletir que eles existem para reeducarmos a educação, e ela pode começar na sala de aula, assim como, a escolarização se desenvolveu como um método

sistemático e especializado de educação, tornando-se o principal recinto para a ampliação individual de crianças e jovens no seu desenvolvimento. Com o tempo, ela também passou a desempenhar funções sociais e emocionais adicionais, afinal não tem como deixar o gênero e a sexualidade fora da escola no ato de dar aula (Carvalho, 2004).

Além disso, Loguercio e Pino (2003) discorrem que a sala dos professores/as e os conselhos de classe são os lugares onde as identidades são mais visíveis. Podemos dizer que esses são os espaços destinados especificamente à colaboração, pois é onde as histórias sobre os alunos/as e as práticas profissionais são compartilhadas. Não é incomum as professoras e gestoras se referirem ao alunado como “aquele viadinho” ou “a menina macho”, ainda que preconceituosas tais afirmações demonstram que a sexualidade e o gênero estão presentes. Se falam dos/as alunos/as, por que não falaria das professoras? Portanto, esconder-se pode ser uma forma de preservar-se, mas também demonstra uma farsa identitária articulada à heteronormatividade.

As teorizações desta seção conduzem à ideia de que a mulher professora que precisa ser vista, porque sua existência é pedagógica, mostrar sua identidade é uma forma de evidenciar outras formas de existência, as quais bagunçam as fronteiras do certo e do errado. Logo, devido a elas do passado e seus movimentos sociais hodiernamente, eu mulher bissexual, de pele parda, classe média, que estudou a vida toda em escola pública está conseguindo se formar na Universidade Federal De Sergipe.

Refletir sobre a bissexualidade docente é contrariar a lógica essencialista que “[...] os homens sensíveis são ‘afeminados’ e deixam de ser verdadeiros homens, e as mulheres assertivas são ‘masculinas’ e deixam de ser autênticas mulheres” (Castañeda, 2006, p. 49). Relatar a vivência de si mesma com embasamento em mulheres, salientando que não se trata somente de “questões de mulheres”, é defender que as pessoas exploradas, dominadas e oprimidas são pessoas, têm direito à identidade. Apesar do magistério ter sido uma criação com outra expectativa recaída sobre a mulher, hoje, 2025, mostramos que não só vivemos como também existimos/sentimos e somos pedagógicas.

4- A PROFESSORA VISÍVEL NAS CORES DO ARCO IRIS

O título dessa seção foi pensado precisamente para fomentar a diversidade, inclusão e audácia da mulher que ousa pensar, pois diante das leituras feitas para este TCC, a mulher que pensa pode ser vista como uma ameaça, justamente por ter uma opinião. Mulheres, estamos nas cores do arco-íris, representando o azul e o rosa na mesma singularidade, confesso que esse “estar no azul e rosa” foi mencionado sim com tom de ironia, já que no estudo do processo histórico das cores, observou-se que antigamente os bebês biologicamente sendo homens ou mulheres ao nascerem usavam-se branco para ambos (Baliscei, 2020).

Em 1631 e 1643, Baliscei (2020) discutiu que os homens adultos que ocupavam posições de poder político costumavam usar roupas e acessórios na cor vermelha, simbolizando poder, coragem e sacrifício. Já para os meninos, era indicado o uso de tons de rosa, considerados uma versão bem suave e desbotada do vermelho. O azul, outrora, fora utilizado para identificar o gênero feminino pela delicadeza e leveza conferidas à cor e a suas associações com pinturas ou bem dizer artes que desempenhas papéis ideias perante a expressão e transmissão da fé.

No século XX, ainda de acordo com Baliscei (2020), as mudanças com significados dado às cores rosa e azul, podem ser explicadas por muitos fatores. Entre eles estão a influência de ícones da cultura popular, o grande crescer do consumo, táticas de marketing e publicidade, também disputas entre movimentos sociais e grupos religiosos, de que crenças e posições frequentemente se chocavam, entendendo o porquê que cor não tem gênero, são construções tidas como culturais que variam ao passar do tempo entre diferentes contextos históricos e geográficos. Desse modo, este trabalho opera para que as mulheres sejam das cores que quiserem.

Porém, essa não foi nem é a única alienação que o patriarcado desviou na implantação em nossa construção enquanto seres humanos, que determinam o que o resto de pessoas do mundo devem fazer, isso é dito porque

há uma falta de representatividade feminina e uma desigualdade de gênero já que outros temas ligados a homens ou figuras masculinas recebem mais atenção, a ordem de gênero expressa o poder das masculinidades sobre as feminilidades e o poder de algumas masculinidades sobre outras com base em raça, orientação sexual e etnicidade, por exemplo (Jesus, 2014, p. 312).

Na pesquisa bibliográfica sobre identidades não heteronormativas, com enfoque na educação, sendo o sistema que mais garantiu representar tudo aquilo que o patriarcado

conseguiu contornar e instaurar na vida dos seres humanos, identidades heteronormativas são aqueles/as quais que seu gênero e orientações sexuais se alinham com as normas heterossexuais e cisgênero e quando se para pensar a escola não é inclusiva, sobretudo e especificamente na sala de aula, na sexualidade da professora. Em outras palavras, os pares de dança, os banheiros, as filas, as cores dos brindes nas datas comemorativas, a escola é heterossexual em sua essência, a professora cede à norma instituída. Fomos retratadas apenas como “tia”, “segunda mãe” e o desejo de manter o ideal de “professorinha”, associando-o à qualidade do ensino, exaltando uma quantidade bem considerável de problemas (Pereira; Pereira; Pocahy, 2023).

Nísia Floresta, uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres do Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como instrumento através do qual essa meta seria alcançada (Louro, 1997). A autora menciona o século XX em que as professoras tinham uma sagrada missão, com seus “cérebros pouco desenvolvidos”, elas eram tratadas como cuidadoras de crianças.

Esses pressupostos assolam a vida das professoras até os dias atuais, porque, como afirmei anteriormente, as professoras cedem à norma. Hoje, as normas são outras, mas elas têm cedido por pressão de governos, culturas, notícias falsas e precarização da profissão. Margareth Rago (2001) explica que é relevante o reconhecimento das conquistas de espaços sociais pelas mulheres, se antigamente eram lhes inacessíveis ou proibido, elas alcançarem posições de destaque desempenham um papel significativo na transformação das relações de gênero, e assim com influência sobre a forma de ser homem e mulher quanto a maneira de pensar a masculinidade e a feminilidade.

A vivência das professoras do meu tempo, me pergunto onde elas estavam, e se estavam lá o tempo todo da minha trajetória do ensino fundamental e médio, e me envergonho ao ser sincera em pensar que, muitas vezes, assim como muitos, a reduzi-las a quem, apenas, prepara e dá aulas, corrige lições etc. (Pereira; Pereira; Pocahy, 2023) não por maldade, mas por ignorância de ainda não ter o entendimento que, antes de serem professoras, elas são mulheres.

É importante também salientar que esse tipo de pensamento aparece no momento que ainda não se tem certos rudimentos, Fontana (2017) diz que, embora a docência, especialmente na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental, tenha se tornado predominantemente uma profissão feminina, as pesquisas educacionais trataram os/as professores/as como se fossem assexuados. Um robô feito para aquilo decretado pelo patriarcado e ponto final.

Instigo-me a escrever sobre a **mulher/professora** e a sua sexualidade **invisibilizada**, seus desejos e anseios, junto com o feminismo que vem desnaturalizando o pensamento misógino diante também das relações de gênero e seus papéis coordenados pelo homem. Tendo em vista, no parecer que;

[o] fato de desacreditarmos hoje da existência de uma suposta ‘natureza feminina’ não invalida suas colocações, afinal as diferenças de gênero, construídas social e culturalmente, marcaram profundamente a formação de nossa identidade ao longo do tempo, assim como a definição dos espaços sociais femininos e masculinos (Rago, 2001, p. 62).

Com base nisso, expresso que esses espaços delimitados da figura masculina sobre a feminina vêm se enfraquecendo com os movimentos feministas, onde não se volta somente às mulheres, mas ao entendimento que o patriarcado é uma invenção e está a serviço do poder e esse serviço está nas mãos de um determinado grupo de pessoas heterossexuais, brancas, cisgênero e de classes abastadas.

Ainda que a sociedade esteja crescendo e se desenvolvendo com a visibilidade de outras formas de identidade, o referido grupo legisla nos currículos, nas mídias, nas igrejas, nas famílias para que seu perfil identitário seja considerado o único possível, os demais devem ser questionados e/ou combatidos. No entanto, as escolas não vão conseguir manter seus armários fechados para a pluralidade de grupos assimétricos. Um exemplo é a existência das pessoas queer:

Vale assinalar que a teoria queer não se resume a uma luta ligada à sexualidade; ela se volta também para um combate contra falsos valores que são usados como justificativas para a discriminação. Trata-se de uma luta que envolve não apenas gays e sim todos os que são vistos como impossibilitados de fazerem parte da escala da normalidade (Santos, 2017, p. 186).

Ou seja, todas as pessoas que escapam da regra do “normal”, são consideradas dissidentes, como se tivessem abandonado a norma e precisam retornar a ela.

O queer busca tornar visível as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das convenções culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação da figura do abjeto. Desse modo, torna-se compreensível que o modo distorcido de encarar as diferenças tem gerado, historicamente, sérios processos de exclusão no campo educacional. Percebemos, ao longo de nossas experiências educacionais o quanto essa instituição não apenas transmite ou constrói conhecimento, mais fabrica sujeitos, suas identidades em meio a relações de poder, tornando este, um espaço disciplinar e normalizado (Santos, 2017, p. 187)

Diante disso, na educação, o/a professor/a adota métodos para se ajustar e conformar aos padrões da escola. Esse processo de adaptação envolve, principalmente, o corpo, e o perpassa também. Falar em sala de aula sobre gênero, educação e sexualidade é proibido porque foge da heteronormativa a qual vivemos, e “dentro da escola essas imposições de identidade de gênero e orientação sexual são vistas nas mais diversas formas de convívio e aprendizagem” (Nemi, 2015, p.28).

Justamente por isso, quem melhor que nós, professoras de sexualidade desviantes, para defendemos nossa história, sendo a sala de aula um cenário que mais se dissemina essa heteronormatividade aliando-se a discursos normalizadores sobre o que é de menino e do que é de menina.

Entender que há pessoas que transitam entre os gêneros, se relacionam com pessoas do mesmo sexo, que não se relacionam sexualmente com outras pessoas, que se entendem como gays, lésbicas, travestis, transexuais... e que essas pessoas não são uma outra vertente diferente da norma, são outras maneiras dentro de uma gama de possibilidades fluídas que a nossa expressão humana nos permite (Nemi, 2015, p. 34).

Por assim dizer, o homem

e a mulher e as demais pessoas são produzidos historicamente/culturalmente e é possível então desnaturalizar a norma, se examinar a experiência de uma professora de sexualidade desviante, podemos ter como resultado que a sua presença na sala de aula, no cinema, no banco, nos correios desafia diretamente a heteronormatividade. E ao vivenciar e expressar sua orientação sexual, ela não apenas questiona a norma heterossexual imposta, mas também serve como um exemplo vivo da diversidade que Nemi (2015) expôs. Sua existência e seu lugar como educadora é essencial para desmontar preconceitos e olhares espantosos, para um ambiente com uma pegada representável de todas as formas.

Para (re)pensar os padrões impostos pelo patriarcado, as mulheres precisam, primeiro, ter consciência de si mesmas (Accorsi, 2018). Tornar sua identidade visível como transgênero, gay, travestis, não-binário, lésbicas, aquelas que foram por um tempo inomináveis, é importante para mostrar outras formas de ser, estar e ver o mundo. Para termos uma noção de como a presença de estudantes com diferentes sexualidades gera questionamentos e desestabilizações às normas de gênero, é importante lembrar que passamos grande parte das nossas vidas frequentando instituições de ensino, portanto, pode-se dizer que passamos a maior parte das nossas vidas em sala de aula se envolvendo com pessoas que detêm de diferentes crenças, modos, e especificidades para assim nos desenvolvermos.

Não tenho a intenção de discutir profundamente os conceitos sobre todas as siglas do mundo arco-íris, mas intenciono marcar a existência das suas vivências que vocês nunca estiveram sozinhos (as), e o medo de um (a) também já pode ou venha a ser do outro (a). A trajetória das travestis, transsexuais, gays e lésbicas, não-binário têm suas imagens vinculadas como rejeitadas pela família, escola e sociedade e como já ouvi de muitos

são dadas à prostituição” e que, “a entrada ou incorporação de travestis e transexuais no mesmo movimento que gay lésbicas não foi um processo simples, muito menos automático. Vários fatores contribuíram para aproximação política de pessoas, com realidades e experiências díspares, sob a mesma bandeira do arco-íris (Carvalho, 2011, p. 35).

O olhar estranho sobre essas pessoas ainda ocorre, mas se não olhassem não seriam a diferença, nessa singularidade também encontraram forças que sucederam das lutas e enfrentamento de processos ao passar da história, por outras pessoas que também não queriam ser vistas apenas. E assim, admitindo como Andrade (2015, p. 17), sobre as trans e as travestis;

Podem desenvolver no centro da sociedade, não precisam esperar a formatura ou a inclusão no mundo do trabalho. Elas podem acontecer na educação básica ou no seio familiar. É inegável que o território da travesti já não é mais o mesmo, foi ampliado, foram criadas novas formas que não devem conduzir a novas —fôrmas. Quanto mais diversificado for o campo de estudo sobre as travestis, maior será a possibilidade de compreendê-las. Assim como os heterossexuais são capazes de viverem em diversos contextos (sociais, educacionais, profissionais, etc.), o mesmo pode ocorrer com as travestis. A presença destas nos espaços de convivência, de trabalho, de aprendizagem, de decisões políticas pode ajudar a desmitificar essa ideia de que toda travesti se constrói na prostituição.

Com base nesse pressuposto é notório que o patriarcado tenta deixar os corpos dentro de uma caixinha desconfortável, e os corpos nessa caixinha precisaram e precisam passar por algumas esferas sociais para nunca mais voltar a entrar na caixa, mesmo que por algum momento precisassem mascarar as suas vontades, como mesmo vivenciou Andrade (2015, p. 20)

Vivenciei e vivencio em minha história de vida o estar travesti como aluna e professora da educação básica e ensino superior, e ratifico que para chegar até aqui foi necessário penetrar nas regras do jogo disciplinar e normativo da escola e da sociedade, que me tirassem de uma situação de marginalidade perpétua, mesmo que muito bem vigiada, preparada a todo instante para receber punição. Aprendi desde muito cedo que o menor dos meus erros poderia ser desculpa para uma retaliação (Andrade, 2015, p.20).

Ainda assim, esses movimentos de busca pela liberdade do eu, estão fazendo com que essa caixinha imposta na sociedade se torne cada vez menor. Junqueira (2010) analisa que o preconceito, a discriminação e a violência homofóbica são intensamente estendidas no que tange travestis e transexuais. O patriarcado se incomoda quando fogem da “pedagogia do armário” quando moldam seus corpos e formas de ser, expressarem-se e agir, pois elas não conseguem passar despercebidas e desafiam essa imposição social.

Citei que nós, pessoas cujas diferenças prevalecem, não estamos sozinhas, seja no medo, na angústia, na força e quebra de tabu, em muitas teorizações que meus olhos conseguiram alcançar e que continham vivências pessoais, as experiências dos livros, dos artigos, das autoras não eram delas, eram também minhas. “O que havia de comum entre aquelas/es que se tornaram minhas interlocutoras e interlocutores nessa pesquisa era a necessidade de movimento: movimento para fora do armário, movimento para dentro dele. Movimento e transformação” (Novo, 2015, p.33).

Bleironth (2021) explica que uma memória não se limita ao corpo que a hospeda, ela pode ganhar outros meios de significados ao se conectar com outro corpo. Ao ser partilhada, essa memória se fortalece. Ela é sentida no corpo para quem compartilhamos, adentrando-se em cada parte. Dessa forma, “essas memórias são fundamentais para que o passado reverbere no presente dessa escrita e possa contribuir no futuro daqueles que a lerão. Afinal, a mudança começa com o reconhecimento daquilo que está, de alguma maneira, prejudicando alguém” (Weber, 2022, p. 47).

E, assim, essas memórias são as mesmas, do medo de ser livre, de saber quem de verdade somos, de como determinadas pessoas se comportam quando começamos a querer tomar as rédeas das nossas vidas, somos vistos como afronta às expectativas sociais que apresentam a heterossexualidade como padrão, o medo da perda de privilégios por parte dos grupos dominantes. Exaltando que “não são raras as histórias sobre preconceito e discriminação na escola contra as diversidades racial, étnica, sexual, territorial, geracional, de gêneros, de deficiências e tais quantas sejam as diferenças que marcam este sujeito outro da diversidade” (Bastos, 2017, p.2).

Principalmente porque nas intuições de ensino esses estranhamentos com os não heterossexuais eram muito mais visíveis pelos colegas de classe, professores/as, como nos conta Santos (2018, p. 11)

Na escola, sempre fui uma das melhores alunas e sempre a procurada para organizações de gincanas, arrumação dos espaços da escola para momentos comemorativos e coisas do tipo. Sofri na pele (literalmente) a dor de se comportar

contrariamente às regras ou normativas de gênero determinadas ao meu corpo. Por muitas das vezes eu apanhei dos colegas, fui criticado por professor@s1 que a todo momento mandavam eu ter juízo e mudar “esse meu jeito”. Eu não era entendida por todos que ali estavam, sabia que era mesmo “aquilo” que eles diziam, mas não consegui lutar contra, pois vinha de dentro e era muito mais forte do que eu. O ensino médio chegou e o tratamento na escola não mudou muito, pelo contrário piorou. Neste momento de minha vida, fui muito violentada por um colega de classe. A escola era um inferno e eu parecia ser o corpo ao qual eles poderiam extravasar suas raivas. Eram xingamentos, puxões de cabelo, agressões, assédios morais e sexuais (no banheiro), dentre outras situações pelas quais passei. O interessante em tudo isso é que a equipe diretiva da escola e professor@s naturalizavam tudo e, a cada dia, eu me preparava para mais uma jornada vespertina, ou noturna ao qual não sabia se sairia ilesa (Santos, 2018, p.11)

Por assim dizer, a escola, como microcosmo da sociedade, pondera os mesmos preconceitos que encontram em outras esferas sociais. Santos e Godoy (2019) explicam que é na adolescência, essas situações se intensificam, com a vontade de questionamentos e sentimentos de desconforto relacionados à falta de pertencer a algum dos grupos sociais com os quais o indivíduo interage. E faz eles(as) buscarem por uma adequação que acaba se tornando uma prioridade.

Por outro lado, ainda que muitas pessoas distintas tenham vivido histórias um tanto conturbadas, elas(es) não facilitaram para que ficassem na caixa. A preocupação das autoras deste trabalho se assemelha às minhas porque a escola pode ser um local de violência, que marca o alunado na mesma medida que traumatiza os/as docentes. Por isso, o artigo de Patrícia Daniela Maciel (2014) pode colaborar para uma escola mais democrática. Nele, a autora explica que realizou entrevistas com sete mulheres com sexualidades desviantes da norma, e nessa viagem aos encontros para a realização da pesquisa, ela encontrou uma escola localizada em Porto Alegre, na Vila Castelo, no bairro Restinga.

Era uma instituição da rede municipal de ensino, oferecendo o Ensino Fundamental, e tinha conquistado o Selo pela Igualdade Racial. De acordo com a diretora, com quem conversou durante a visita, o selo foi concedido em reconhecimento ao trabalho desenvolvido pela escola no combate ao racismo, machismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e qualquer forma de violência, discriminação ou preconceito.

Durante a passagem por esta escola, pude perceber as ações de caráter pedagógico retratados pela diretora. Havia vários cartazes produzidos pelos alunos nos quais apareciam imagens e frases informando sobre a diversidade racial e a de gênero. Eram materiais onde apareciam homens e mulheres acariciando pessoas do mesmo sexo, onde surgia a ideia de uma união homoafetiva como suporte para a construção de uma família e onde as figuras de pessoas negras e ilustres eram destacadas. Ou seja, era uma escola na qual os suportes pedagógicos testemunhavam o trabalho da comunidade escolar para uma escola transformadora. (Maciel, 2014, p.36)

Maciel entende que, quando nos posicionamos na educação, juntamente com o corpo acadêmico, nós professores/as, fazemos valer a frase que realmente não somos tia e sim, educadoras. Nosso corpo é pedagógico no jeito que se movimenta, no que carrega, no modo como se veste. É, ainda, pedagógico porque expõe o que deve ser escondido: a fuga da norma. Educar pelo corpo é mostrar formas outras de ser, estar e existir dentro (e fora) da escola.

E sendo eu, mulher/professora/bissexual, importa frisar que mulheres lésbicas existem, professoras bissexuais existem, por tanto, incluir-se como um sujeito não heteronormativo “demanda uma série de desconstruções internas, e, em muitos casos, reconstruções também” (Weber, 2022, p.33) e isso acontece “por ser um ambiente reprodutor da norma, a escola acaba aprisionando os corpos dessas professoras que evitam falar de suas vidas privadas por receio de sofrerem algum tipo de violência” (Liebgott, 2019, p. 29) e a violência pior é aquela docilizada.

Por isso, a pedagogia feminista existe para o “libertar de homens e mulheres das amarras das ideologias e hierarquias de gênero, ou seja, da construção social das diferenças/ desigualdades entre os sexos, um objetivo que se aplica a todas as metodologias desenvolvidas para o trabalho com mulheres” (Sardenberg, 2011, p.19) para que não haja um silenciamento. O nosso corpo, os nossos pensamentos colocam em xeque o silenciamento da sala de aula, sem sermos coniventes com a violência docilizada, aquela que nos silencia.

Embora a escola seja comumente associada como o principal local de aprendizado, como campo de educação formal, é importante ressaltar que não é o único espaço com tal função. Todas as experiências de vida de um indivíduo são diversas oportunidades educacionais, mesmo que não estejam diretamente relacionadas à educação formal. A formação de um indivíduo ocorre em variados lugares e vai muito além da escola, sendo resultado da influência do ambiente sociocultural em que esse sujeito está inserido (Silva, 2023, p.83).

O corpo da professora faz, portanto, um protesto “silencioso” sobre a opressão das normas. O gênero e a sexualidade, segundo Weber (2022), precisam ser adicionados às discussões pertinentes nos ambientes educacionais, pois, ainda que sejam tópicos sensíveis e difíceis para alguns/algumas, eles estão em constante transformação, são considerados importantes para que o indivíduo possa se reconhecer em relação à própria identidade. Deste modo, se falar, abordar, discutir é um estigma educacional, que o gênero e a sexualidade apareçam no corpo docente.

Perceber como é preciso a compreensão de como é possível utilizar a sexualidade feminina para (re)pensar os padrões impostos pelo patriarcado às mulheres, pois, perpassa os corpos, e “a vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também

permanece oculta. O prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisas de prostitutas” (Matos; Soihet, 2003, p. 16). É como se mulheres felizes fossem um ataque à sociedade que as violenta e aprisiona e, assim, as deseja triste.

Para Boris (2007), a mulher pode desvincular-se da figura masculina, para isso é relevante questionar o medo de achar que não conseguiu atender as expectativas do homem, que pode ser o pai, o filho, o chefe, o aluno. Um corpo em busca de liberdade que não está à mercê do mundo. Por assim entender que, a tradição vigente, tinha por base a mulher como alguém seca sem nenhum tipo de prazer, sonho ou voz. Colocadas como um processo de marginalização, onde a mulher boa para casar era a virgem, como Maria, mãe de Jesus, ou a mulher satânica, questionável, abominável, como Eva (Castro, 2020) ou melhor, aquela que não segue as normas impostas pelo patriarcado. A professora em busca de liberdade questiona o estereótipo de que “[a] única mulher genuína é a mãe dedicada aos filhos; o único homem de verdade é o empreendedor que rejeita qualquer fraqueza humana, em si mesmo e nos outros” (Castañeda, 2006, p. 49).

O patriarcado tenta de todas as formas culpar o sexo feminino, ocupar seus corpos, determinar lugares e possibilidades. Ele cerceia as identidades. Ele orienta a sexualidade, autorizando e desautorizando o que deseja o corpo. Sendo que, “a sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos —ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo” (Foucault, 2004, p. 260)

Desse modo, mais uma vez as feministas foram e é importante pois partindo do princípio da “submissão” sexual feminina, eclode a curiosidade do estudo e do resultado da produção de saberes de mulheres sobre a sexualidade, como diz Souza e Andrade (2016) para abrir um leque no pensamento pelo direito de escolher qual aparência desejamos ter, o que queremos ser e de quais maneiras poderemos ir em busca de nossos prazeres.

Mas, até nos prazeres da vida, o patriarcado direcionou a espécie humana para o que seriam esses deleites que vem se articulando com as representações midiáticas, “por exemplo, a construção tradicional do prazer, constata-se que os prazeres físicos, ou os prazeres da carne, são sempre a bebida, a comida e o sexo. É aí que se limita, penso eu, nossa compreensão dos corpos, dos prazeres.” (Foucault, 2004, p. 264)

E tudo isso pensando na saciedade dos homens, Naomi Wolf (2018), quando ela diz que, percebeu que, por mais que umas gerações de mulheres tivessem um grande avanço, algum padrão surgia para usurpar as energias para garantir que elas não progredissem demais. E então um novo sistema foi instalado, o capitalismo, irmão do patriarcado.

Para o capitalismo, o corpo e a sexualidade devem ser controlados, principalmente na sala de aula, para que se forme um operário dócil, uma funcionária dócil que se submete à sua disciplina, as suas regras. dessarte, “seu corpo passou a ser usado como um meio para atingir um fim – a produção industrial –, tornando-se submisso ao sistema vigente” (Boris, 2007, p.460) e eles começaram a vender uma ideia que circula até hoje que, de que a mulher pode dar conta do trabalho, casa, marido, filhos e que não pode de forma alguma falhar. Desse modo,

[a]lém das funções profissionais, a mulher procurou maior qualificação, através de cursos e de outros meios, tendo, ao mesmo tempo, que se dispor a dar conta das atividades do lar e da família, caracterizando a sua dupla jornada de trabalho. Hoje, o que podemos perceber é que há muitas mulheres que têm uma sobrecarga de tarefas a realizar, tais como trabalhar, estudar, fazer cursos para qualificação profissional, dar atenção à família, administrar o lar e dar conta das necessidades dos filhos, dentre outras. Às vezes, abdicam até mesmo das atividades que lhes dão prazer, como fazer ginástica ou ir ao “shopping”, à praia ou ao salão de beleza etc. em prol da realização profissional e de poder cumprir todos os seus compromissos. (Boris, 2007, p. 461)

O patriarcado se aproveita das causas justas das mulheres no que tange sua liberdade de ser o que é, de escolher a roupa e o que usar. Se a mulher tem um problema, a válvula de escape é o *shopping* ou o salão de beleza. São modos do patriarcado articular-se ao capitalismo e aprisionar a identidades das mulheres. A professora, como mulher, não está livre das opressões, uma vez que o jeito que ela se veste, o modo como ajeita o cabelo, as cores das unhas dizem o quanto ela está flertando com o patriarcado e quanto ela o está questionando. Entretanto, não é um julgamento da docente, afinal, mais do que utilizar da violência, o patriarcado, somado ao capitalismo, seduz as mulheres, sugere que é uma escolha, mas é uma imposição.

É importante para nós professoras questionarmos as marcas de feminilidade e masculinidade, reconhecendo-as como não naturais, como construções advindas de um projeto de sociedade, que, como foi mencionado anteriormente, é heteronormativo (Baliscei, 2022). O tempo todo, as identidades são forjadas pela divisão de gênero, que orienta as sexualidades, como uma tecnologia política que opera na manutenção da perspectiva heterossexual de mundo. A professora visível nas cores do arco-íris é, portanto, aquela que tem consciência de gênero, de sexualidade e coloca em xeque os pressupostos que parecem naturais, mas são opressões culturais que aniquilam as diferenças. Recai sobre ela a possibilidade de repensar as normas da sociedade machista que assombra os corpos, inclusive o seu.

5- APONTAMENTOS FINAIS

A pesquisa bibliográfica perguntou, inicialmente, como a presença das professoras bissexuais na educação pode contribuir para (re)pensar o papel da mulher na sociedade? Foi verificada que a sexualidade da professora pode servir de premissa para questionar a heteronormatividade, bem como a bissexualidade docente é política e pode ser uma pedagogia sobre outras modos de ser, estar e existir. Foi discutido que a sexualidade feminina sempre foi um tabu, é como se houvesse o pressuposto fixo de que as mulheres devem ser contidas e heterossexuais, no entanto, essa pesquisa se comprometeu em questionar as dinâmicas de poder que apenas impõem às professoras modos de existência, a ideia foi mostrar que, a partir da tomada de consciência, ela pode por si mesma construir sua identidade – e visibilizá-la.

O objetivo geral de problematizar o impacto da presença de professoras bissexuais na educação como forma de refletir sobre uma educação não heteronormativa foi atingido de modo que o corpo dela é pedagógico, podendo de modo sutil e permanente, orientar a construção de outras identidades docentes e também as discentes. Os objetivos específicos foram executados na medida que a pesquisa bibliográfica foi realizada, houve a discussão da sexualidade feminina e os padrões delegados às mulheres foram questionados, para pensar a educação (pelo corpo) não heteronormativa.

Foi percebido que a nossa sociedade normatiza as pessoas, pois tem dificuldade, advinda do sistema patriarcal, de considerar a diversidade de gênero e sexual. Foi essencial perceber a importância da inclusão da sexualidade da professora no debate no âmbito da pedagogia para que as pessoas, que vivenciam sexualidades distintas, consigam sair dessa colocação como sujeitos marginalizados e entendam que também tem seus espaços.

Outrossim, foi exposto como o patriarcado desde o começo dita regras e normas para moldar os nossos corpos e assim enfatizando a necessidade do feminizar as questões que não tratam somente de mulheres, mas os explorados, oprimidos e esquecidos. Foi visto e comprovado que a mulher vem passando por vários processos históricos onde o patriarcado se uniu ao capitalismo, como forma de se aproveitar de conquistas em prol das suas respectivas economias.

Por tanto, a mulher, professora, bissexual por existir é um ato político e pedagógico, por suas conquistas de decidir ser o que é, de incentivar mesmo que involuntariamente outras pessoas que merecem serem vistas, e além do mais respeitadas. Depois de escrever este ensaio sobre mim, articulando minha história às teorias, foi possível perceber que a “questão

de mulheres” não é só delas, pois é um compromisso com quem deseja uma sociedade menos exploratória, opressora e violenta. Aprendi que minha trajetória é também coletiva, ao passo que as teorizações reforçaram o que eu já sentia em meu corpo docente.

REFERÊNCIAS

- ACCORSI, Fernanda Amorim. Professoras, levem à sala de aula: do jornalismo violento à prática pedagógica filógena. 2018.
- ACCORSI, Fernanda. Amorim.; MAIO, Eliane. Rose. O Objeto Jogado Do Quarto Andar Era Um Corpo – De Mulher. In: **Diversidade e educação**. 2019, 7, p. 27-38. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/8681>. Acesso em: 17 de mar. de 2025.
- ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2015. Tese de Doutorado.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. Boitempo editorial, 2019.
- BALISCEI, João Paulo. “Parabéns é uma criança”: cultura visual (heteroterrorizante) nos chás de revelação. In: BALISCEI, João Paulo. **É de menina ou de menino?** Imagens de gênero, sexualidade e educação. Curitiba: Editora Bagai, 2022, p. 18-31.
- BALISCEI, João Paulo. Abordagem histórica e artística do uso das cores azul e rosa como pedagogias de gênero e sexualidade. **Revista Teias**, v. 21, n. SPE, p. 223-244, 2020.
- BASTOS–CAP, Felipe. As distâncias sociais entre escola e sujeitos homossexuais e sua interferência na percepção de homofobia. 2017.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo 1 (Fatos e Mitos, S. Milliet, Trad.,). **Divisão Europeia do Livro, 4ª edição.(Trabalho original publicado em 1949)**, 1970.
- BLEINROTH, Maria Laura Medeiros et al. Bordadeiras de sabedorias: mulheres idosas e suas pedagogias clandestinas. 2021.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; DE HOLANDA CESÍDIO, Mirella. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007.
- BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 123, p. 27-37, 2011.
- CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, p. 142-150, 1998.
- CARDOSO, Fernando Luiz. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de pesquisa**, v. 34, p. 41-58, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/nz4YCKy5vtkF8NKYSsVHWTr/>. Acesso em: 18 de mar. De 2025.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima et al. Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. 2011.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima et al. Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. 2011.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa editora, 2006.

CASTRO, Maria Luiza Pereira de. " Não preciso, mas quero": o mito da beleza em tempos de femvertising. 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 151-170, 2001.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?**. Autêntica, 2017.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 5, 2004.

GIANNOTTI, Vito. O Dia da Mulher nasceu das mulheres socialistas. **Núcleo Piratininga de Comunicação**, v. 8, n. 03, 2004.

GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Emerson André de; SANTOS, Maycon Regis Nogueira dos. Família e escola: a construção da homofobia no Brasil. **Perspectivas em Diálogo: Revista de educação e sociedade**, v. 6, n. 11, p. 41-62, 2019.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, p. 201-209, 2006.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina?: Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo**. Papirus Editora, 2019.

IBDFAM. Instituto Brasileiro de Direito da Família. **Site**. Brasil registra alta nos registros de racismo e homofobia em 2022. Disponível em: < <https://ibdfam.org.br/noticias/10995/Brasil+registra+alta+nos+registros+de+racismo+e+homofobia+em+2022>>. Acesso em 17 de mar. de 2025.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Mundo macho: homens, masculinidades e relações internacionais. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 109, p. 309-364, 2014.

JAEGER, Melissa et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos**, n. 11, p. 1-16, 2019.

JUNIOR, Paulo Roberto Souza. A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o movimento LGBTTQIS. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 4, n. 1, p. 1-21, 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo, cotidiano escolar e heteronormatividade em relatos de professoras da rede pública. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, p. 01-10, 2010.

LEWIS, Elizabeth Sara. **Construções Identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

LIEBGOTT, Camila Bonin. A lesbofobia no contexto escolar: um olhar a partir da sociologia da moral. 2019.

LOGUERCIO, Rochele de Quadros; DEL PINO, José Claudio. Os discursos produtores da identidade docente. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 9, p. 17-26, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. **História das mulheres no Brasil**, v. 2, p. 443-481, 1997.

MACIEL, Patrícia Daniela. Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência. 2014.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Ed.). **O corpo feminino em debate**. Unesp, 2003.

MEDINA, Bruna De Souza; VENERA, Raquel Alvarenga Sena. Corpo Biográfico Feminino: Articulações entre memória, identidade, gênero e patrimônio. **Diálogo**, n. 54, p. 5, 2023.

NETO, João Nemi. Questões de identidade (s) de gênero (s) e orientação sexual: uma abordagem através da Pedagogia Queer. **Revista espaço acadêmico**, v. 1, n. 168, p. 27-34, 2015.

NOVO, Arthur Leonardo Costa et al. O armário na escola: regimes de visibilidade de professores lésbicas e gays. 2015.

PEREIRA, Anamaria Ladeira; PEREIRA, Camila Santos; POCAHY, Fernando. PODE A PROFESSORA DE CRIANÇAS SER DESOBEDIENTE E INSUBMISSA?.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, p. 53-66, 2001.

SANTOS, Adriana Lohanna dos. Formação das pessoas transexuais na Universidade Federal de Sergipe: enfrentamento e resistência das normas de gênero no espaço acadêmico. 2018.

SANTOS, Wendel Souza. Teoria Queer e educação para uma abordagem não normalizadora. **Revista Sem Aspas**, v. 6, n. 2, p. 183-196, 2017.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. Ensino e Gênero: perspectivas transversais. **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM)**: Salvador, p. 17-32, 2011.

SILVA, thais marcele fiel da. “**olha como ensina essa mulher, será que ela é?**” as contribuições dos coletivos lésbicos de belém/pa para a identidade e o fazer docente de professoras lésbicas. 2023. Tese de Mestrado.

SILVA, Valleska da; PIMENTEL, Mariano; DIAS, Vânia Maria. Bate-papo Colaborativo ou Centrado no Professor?. In: **Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE)**. 2015. p. 1303.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Uma contribuição para o estudo do ensaio científico avaliativo. **Letras**, n. 2, p. 33-42, 1991.

SOUZA, Fabiola Ursula Gomes de; ANDRADE, Emile Cardoso. A Mulher em Narrativa: O Erotismo Feito por Elas e para Elas. In: **Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)**(ISSN 2447-8687). 2016.

VIANNA, Cláudia; CARAVALHO, Tatiana. Formação e prática docente: sobre a visibilidade das professoras lésbicas. **Formação Docente–Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 12, n. 24, p. 77-90, 2020.

WAGNER, Irmo; SOMMER, Luís Henrique. Mídia e pedagogias culturais. **X Seminário de pesquisa Ulbra. Guaíba**, 2007.

WEBER, Bruna Barbosa. A invisibilidade das docentes lésbicas na educação infantil: narrativas de resistência. 2022.

WOITOWICZ, Karina Janz. Sem motivos para comemorar o Dia Internacional da Mulher. **Retirado em**, v. 10, n. 08, p. 2006, 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Editora Record, 2018.